

---

Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.

---



“Caravana Ford” na abertura da rodovia BR-29 (atual BR-364), que liga Cuiabá a Porto Velho, inaugurada em 1961 | Imagem: [Governo do Estado de Rondônia](#)

## **Destemidos pioneiros – Resenha de *Contar trajetórias, historiar memórias: narrativas de colonização e progresso em Rondônia (Sec. XX)*, de João Maurício Gomes Neto**

**Gilmara Yoshihara Franco (Unir)**

**Resumo:** *Contar trajetórias historiar memórias*: narrativas de colonização e progresso em Rondônia, de João Maurício Gomes Neto, objetiva analisar como narrativas de ocupação não indígena da Amazônia constroem arquétipos colonizadores. Repete tópicos de pioneirismo e silencia conflitos, mas apresenta forte contribuição teórica sobre memória e discursos históricos.

**Palavras-chave:** Amazônia; Rondônia; colonização; pioneirismo; história da historiografia.

De longa data, o imaginário produzido sobre a Amazônia apresenta essa espacialidade ora como *paraíso perdido*, lugar edênico, repleto de lendas e mitos, ora como a selva bravia, abrigo de povos selvagens, verdadeiro *inferno verde*. Mais recentemente, surgiram narrativas que abordam os processos de ocupação da Amazônia, nas quais passaram a ter lugar enredos sobre o papel de desbravadores, conquistadores e pioneiros. Tentando compreender os elementos que compõem tais narrativas, o livro *Contar trajetórias historiar memórias: narrativas de colonização e progresso em Rondônia*, de João Maurício Gomes Neto, debruça-se sobre obras de diversos/as autores/as que historiaram a ocupação não indígena da espacialidade amazônica, com foco em Rondônia, com objetivo de entender como esses escritos acabam se constituindo como arquétipos, denotando valores, ideários e perspectivas presentes em outras narrativas que descrevem a experiência colonizadora no Brasil desde o século XVI.



João Maurício Gomes Neto é doutor em História pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP), mestre e graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). É docente do Departamento Acadêmico de História da Universidade Federal de Rondônia, *campus* Rolim de Moura e atuou como avaliador do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. Tem vários livros publicados, entre os quais destaca-se: *Entre a ausência declarada e a presença reclamada: a identidade potiguar em questão* (EDUFRN, 2025), fruto de sua dissertação de mestrado, e a obra aqui resenhada, que é um fragmento de sua tese doutoral.

Prefaciada pela professora Márcia Pereira da Silva, da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp/Franca), a obra não procura apontar, caracterizar ou desconstruir as representações daqueles/as que são apresentados/as como desbravadores/as, denominados/as “destemidos/as pioneiros/as” em peça publicitária produzida em 2015 pela Assembleia Legislativa de Rondônia; ao contrário, o objeto central da análise é problematizar o que se faz quando se escreve história e “compreender os elementos sobre os quais esses relatos foram ensejados, construídos, apresentados” (p. 18).

O livro está dividido em três capítulos, nos quais o autor, amparado teoricamente pelos estudos de François Hartog (2014), utiliza o conceito de autópsia – registro feito pelo olho que observa, capta e descreve com fidelidade o que vê, ou seja, que narra fidedignamente – para analisar várias publicações, buscando observar nelas “a centralidade do olhar que comunica dada experiência a partir da compreensão de que o procedimento, a operação da escritura, seria validada, legitimada, porque o narrador afirma ter participado, visto, testemunhado os fatos narrados” (p. 18)

O Território Federal do Guaporé, criado em 1943 e que posteriormente teve sua denominação modificada para Rondônia, foi constituído a partir de áreas pertencentes aos estados de Mato Grosso e Amazonas. No início do século XX, momento em que Estado brasileiro passou a atuar na Amazônia com vistas à sua integração ao chamado “corpo da Nação”, aquela região passou a contar com dois municípios: Porto Velho e Guajará-Mirim. Essa área, denominada mesorregião do Madeira-Guaporé na obra de Gomes Neto, em razão dos importantes rios que banham as respectivas cidades, é o objeto de análise do primeiro capítulo.

Para tanto, o autor se debruça sobre a obra de três autores: *Desbravadores*, de Vitor Hugo, cujos dois primeiros tomos foram publicados em 1959 e o último em 1998; *Retalhos para a história de Rondônia*, de Eron Penha de Menezes, que veio a lume em 1978; e *Rondônia, evolução histórica: a criação do território federal do Guaporé, fator de integração nacional*, de Emanuel

Pontes Pinto, publicada em 1993. O autor evidencia que as narrativas identificam os missionários responsáveis pelo aldeamento e catequização de povos indígenas, bem como bandeirantes que percorreram a região em busca de drogas do sertão e de mão de obra nativa, muitas vezes acossando os missionários, como pioneiros e desbravadores. Também são descritos de forma semelhante o Marechal Cândido Mariano Rondon, responsável pela implementação das linhas telegráficas por meio do trabalho da chamada Comissão Rondon; o Coronel Aluizio Pinheiro Ferreira, primeiro governador do Território Federal do Guaporé; e Jorge Teixeira de Oliveira, primeiro governador do estado de Rondônia. Embora abordem períodos distintos, as obras analisadas se aproximam por recorrer à construção de narrativas que destacam a atuação de desbravadores, pioneiros e dos chamados “novos bandeirantes” na construção de seus respectivos enredos. Esse conjunto de narrativas ergue o panteão dos heróis rondonienses.

Analisando o conjunto de narrativas produzidas por escritores da chamada mesorregião leste rondoniense, que compreende uma área de ocupação recente, datada da segunda metade do século XX, quando a ditadura civil-militar lançou de uma série de ações para atrair mão de obra para os projetos de expansão da fronteira agrícola para o Norte do Brasil, Gomes Neto percebe que, nos textos, o verbo “efetivar” procura marcar a ideia de continuidade da ação colonizadora no tempo e ressaltar a ação do pioneiro ou da pioneira que veio, de fato, se estabelecer em Rondônia. Nessas narrativas, a noção de progresso e desenvolvimento associa-se estreitamente ao ato de ocupação do espaço, realizado não por heróis destacados, mas por outros, anônimos, oriundos das mais diversas regiões do país, dispostos a enfrentar as adversidades para construir o Brasil grande. Isso é o que se vê na obra de Lourdes Kemper, citado por Gomes Neto: como “não existem estradas para escoar a produção [...], sistema de mutirão, os agricultores constroem as primeiras estradas, que mais pareciam picadas, cheias de curvas, pois tinham de desviar das pedras, árvores maiores e buscar trechos onde os igarapés eram estreitos para construir as pinguelas. (Kemper *apud* Gomes Neto, 2025, p. 99).

O terceiro capítulo é dedicado à análise de narrativas produzidas por ex-seringueiros, como o professor Abnael Machado Lima, que trabalhou em colégios renomados de Porto Velho – Presidente Vargas e Camela Dutra –, além de ter sido membro do Conselho de Geografia do Território Federal de Rondônia. Com uma escritura que busca anunciar os esforços e dificuldades da vida nos seringais, ele e outros narradores procuram traçar uma linha de continuidade entre o presente, da escrita, e o passado, o dos pioneiros de outrora. Buscando “[...] a empreitada daqueles que efetivamente, dir-se-ia com frequência, tornaram realidade algo por quase três séculos situado no campo das impossibilidades, do improvável”, tais narrativas apresentam uma outra face dos discursos de pioneirismo, fartamente presente nas histórias daqueles e daquelas que tornaram suas respectivas escritas uma ode às muitas formas de se contar as primazias do/no lugar que tornaram seus, Rondônia.

Os únicos pontos negativos da obra são: a repetição das tópicas de pioneirismo, que obviamente se repetem em razão daquilo que está posto nos textos que servem como fonte e, especialmente, o silêncio sobre os silêncios. Explico: o apego excessivo do autor ao conceito de *autópsia* o prendeu demasiadamente àquilo que os/as narradores/as dizem ter visto e experienciado. Entretanto, a contraposição a outras histórias, se fosse feita, o permitiria perceber que algo do visto e vivido, notadamente os confrontos com as populações indígenas e os conflitos na disputa pela terra, não está escrito ou está apenas *an passant*. E essas ausências também dizem muito sobre o discurso de heroísmo no ato de desbravar, civilizar e domar a espacialidade que constitui o atual estado de Rondônia.

O ponto forte da obra é a compreensão das tessituras imagéticas, sociais, econômicas e políticas que as narrativas expressam quando alguém se declara desbravador(a) ou pioneiro(a). Revelam-se quais ideias, valores e compreensões de história e de mundo os verbos colonizar, desbravar, povoar e civilizar, fartamente presentes nos textos analisados, carregam consigo, produzindo uma certa coesão e memória social. Assim, o texto nos permite apreender, nas narrativas, as razões pelas quais determinadas palavras e nomes ganham destaque em espaços e logradouros públicos, enquanto outros, como os que fazem referência aos povos indígenas, estão ausentes. Nesse sentido, a obra constitui valiosa contribuição para o estudo da história e historiografia de Rondônia.

Com uma escrita objetiva e clara, teoricamente embasada, o livro confirma a hipótese que deu azo à pesquisa, hipótese essa que vai sendo comprovada capítulo a capítulo, à medida que o autor demonstra como as narrativas de conquista, colonização e pioneirismo partilham e reatualizam imaginários presentes desde o período de colonização do Brasil, corroborando, por meio do êxito de trajetórias pessoais, uma determinada visão de progresso que leva a crer, por meio de seus respectivos lugares de fala, numa perspectiva de colonizador, que neste lugar todos/as somos “destemidos pioneiros”. O livro se destina, sobretudo, ao público acadêmico e interessados em conhecer a história e a historiografia amazônica e rondoniense.

---

## Referências

GOMES NETO, João Maurício. *Contar trajetórias, historiar memórias: narrativas de colonização e progresso em Rondônia* (Séc. XX). Porto Velho: Edufro, 2025. 228 p.

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

PNA PUBLICIDADE LTDA. *Curto Rondônia*. Porto Velho, 2015.

---

## Sumário de *Contar trajetórias historiar memórias: narrativas de colonização e progresso em Rondônia* (Sec. XX)

Dedicatória

Agradecimentos

Prefácio

Introdução

### 1. Narrativas de desbravadores na mesorregião do Madeira-Guaporé

Missionários, desbravadores e civilizadores

Embates e debates em torno dos fundadores: o inventário dos desbravadores e pioneiros

### 2. Narrativas de pioneirismos na mesorregião do Leste Rondoniense

Narrativas da chegada: no horizonte, o desafio de civilizar o espaço

O inventário dos pioneirismos e agentes do progresso

### 3. Nas trilhas dos seringais: outras narrativas de desbravamentos e pioneirismos

Na vastidão dos seringais, os rastros de desbravadores e pioneiros

O seringal da promessa? A história entre o anseio de justiça e o dever da verdade

Narrativas de desbravamentos e evolução: a ação decisiva dos seringueiros, os heróis anônimos

Considerações finais

### Resenhista



Gilmara Yoshihara Franco possui doutorado e pós-doutorado em História, pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), mestrado em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e graduação em História pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). É professora da Universidade Federal de Rondônia (Unir) e publicou, entre outros trabalhos, [Estudo etnobotânico de plantas medicinais na Reserva Rio Preto Jacundá, Amazônia Brasileira](#) e [Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica](#). ID Currículo LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1914393246460112>; ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6094-9283>; e-mail: [gilmara.franco@unir.br](mailto:gilmara.franco@unir.br).

---

### Para citar esta resenha

GOMES NETO, João Maurício. *Contar trajetórias, historiar memórias: narrativas de colonização e progresso em Rondônia (Séc. XX)*. Porto Velho: Edufro, 2025. 228 p.  
Resenha de: FRANCO, Gilmara Yoshihara. Destemidos pioneiros. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 26, p. 1-5, nov./dez., 2025.

---

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).